

SEÇÃO ENTREVISTAS



LARISSA LIMA DE SOUZA
COLÉGIO PEDRO II/PPGG-UFRJ

Breve apresentação da entrevistada

Larissa Lima de Souza é professora da disciplina de geografia do Colégio Pedro II e é especialista em Ensino de História da África. Atualmente, a docente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Suas pesquisas englobam política e estudos afro-brasileiros e as relações étnico- raciais na Educação.

Palavras-chave

Ensino de Geografia; Relações Étnico-Raciais; Educação

Brief presentation of the interviewee

Larissa Lima de Souza is a geography teacher at Colégio Pedro II and a specialist in African History Teaching. She is currently in the Graduate Program in Geography at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). Her research encompasses Afro-Brazilian politics and studies and ethnic-racial relations in education.

Keywords

Geography Teacher; Ethnic-Racial Relations; Education.

Breve presentación de la entrevistada

Larissa Lima es profesora de Geografía en el Colegio Pedro II y es especialista en la Enseñanza de la Historia Africana. Actualmente, está cursando doctorado en el Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad Federal de Río de Janeiro (UFRJ). Sus investigaciones abarcan la política y estudios afrobrasileños y las relaciones étnico- raciales en la Educación.

Palabras-clave

Enseñanza de Geografía; Relaciones étnico-raciales; Educación.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MACHADO, Marcia Thaís de Oliveira; FORTUNA, Denizart; PEREIRA, Diego Carlos. ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA: entrevista com a Professora-Pesquisadora Larissa Lima de Souza. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 168-178, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 22/12/2021. Aceito em: 02/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Introdução

Em nome da cidadania, as escolas brasileiras possuem inúmeros desafios, e um desses é o curricular. A sua importância reside nas potencialidades de profissionalização e continuidade em estudos no ensino superior, da formação no campo dos direitos e deveres, além da visibilidade social das questões políticas, especialmente contemporâneas. Constitui-se, assim, um espaço institucional de grande importância para a formação e as ações de cada um de nós como cidadãos.

Em uma sociedade preta de inúmeras desigualdades e marcadores identitários, as demandas por políticas públicas específicas a grupos sociais subalternizados têm demarcado espaços de luta política incessantes, mormente após a promulgação da Constituição de 1988. No âmbito escolar, especificamente curricular, essas desigualdades tendem a ser reproduzidas, havendo silenciamentos materializados nas políticas e propostas governamentais que tensionam o chão da sala de aula a disputar cotidianamente um currículo mais democrático e plural.

Dentre essas lutas, uma delas merece destaque: a promoção da justiça social pelo exercício pleno e equitativo da cidadania por parte da população negra e da cultura de matriz africana em nossa sociedade. Pode-se dizer que tal plenitude perpassaria pela (negação ou “falta de”) compreensão, (re)conhecimento, validade e valorização da sua historicidade, da sua identidade, de suas representações sociais e culturais. Não é exagero afirmar que a Lei 10.639/03 é um dos produtos dessa mobilização, inclusive daqueles movimentos negros já consagrados antes mesmo da promulgação da Carta Cidadã ao final dos anos oitenta.

Com a licença da generalização no que diz respeito às interseccionalidades desses próprios sujeitos, a implementação da Lei para as novas diretrizes curriculares no tocante aos estudos da História da África, assim como da História e Cultura Afro-brasileira, é uma positividade no que tange aos preceitos de um Estado de Direito, pois legitimam enquanto possibilidade curricular a reconstituição das narrativas e das epistemologias escolares sobre os povos

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MACHADO, Marcia Thaís de Oliveira; FORTUNA, Denizart; PEREIRA, Diego Carlos. ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA: entrevista com a Professora-Pesquisadora Larissa Lima de Souza. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 168-178, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 22/12/2021. Aceito em: 02/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

africanos e seus descendentes em terras brasileiras¹. Negros como sujeitos históricos, pensantes, desenvolvedores de tecnologias, veiculadores de linguagens e de diversas religiosidades são “pontos de partida” já desenvolvidos em diversas das salas de aula da educação básica, bem como da modalidade de ensino denominada educação de jovens e adultos das redes oficiais e privadas de ensino. Não obstante, os desafios são inúmeros.

A entrevista realizada com a Prof.^a Larissa Lima de Souza, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e com atuação nos anos escolares da educação básica do Colégio Pedro II e docente da rede municipal do município fluminense de Duque de Caxias, ocorreu em 19 de novembro de 2020 e proporcionou um olhar profícuo, produtivo e arguto graças às suas práticas docentes e aos seus estudos e investigações realizados ao assunto em tela até o momento. Este diálogo, certamente,

enriqueceu o nosso arcabouço conceitual, pedagógico e político, principalmente aos interessados ou integrantes de grupos dos movimentos negros, aos professores e demais licenciandos, aos alunos das redes públicas e privadas de ensino e a todos aqueles que acreditam em nossas incumbências civis de tornarmos uma sociedade brasileira mais tolerante, respeitosa e compromissada aos aspectos sociais mais amplos da diversidade. Este é o convite aos leitores desta revista.

1. Formação de Professores de Geografia – os estágios supervisionados “remotos”

Essa oportunidade de conversas com professores-pesquisadores foi uma das nossas ações pedagógicas desenvolvidas em um tempo no qual o mundo é acometido pela trágica e contagiante transmissão do vírus Sars-CoV-19. De contágio direto e com riscos à saúde e de morte por causa do possível desenvolvimento de sintomas

¹ “No ano de 2008, foi aprovada a Lei 11.645/08 que altera a Lei 10.639/03, incluindo na LDB o ensino de História e Cultura Indígena, juntamente com a História e Cultura Afro-brasileira. Essa alteração

expressa a inserção de pautas dos povos originários no campo da educação [...]” (OLIVEIRA, 2015; p. 158).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MACHADO, Marcia Thaís de Oliveira; FORTUNA, Denizart; PEREIRA, Diego Carlos. ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA: entrevista com a Professora-Pesquisadora Larissa Lima de Souza. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 168-178, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 22/12/2021. Aceito em: 02/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

severos, a realização dos estágios supervisionados em ambientes formativos, tais como os escolares, e as aulas presenciais nos campi universitários foram suspensas. Mesmo com a autorização da retomada do primeiro período letivo de 2020 em setembro do mesmo ano para as turmas dos cursos de graduação da UFF, essa foi sob a condição remota, conforme a decisão do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPEX), em 14 de agosto de 2020, quando houve a aprovação do Regulamento do Ensino Remoto Emergencial, em caráter excepcional e temporário (Resolução nº 160/2020²).

A entrevista concedida pela Prof.^a Larissa Lima de Souza aos alunos do Curso de Licenciatura em Geografia, de Niterói, da Universidade Federal Fluminense, se deu durante as aulas, portanto, remotas do componente curricular denominado até então como Pesquisa e Prática de Ensino em

Geografia IV (PPE IV). Tal componente refere-se às 100 horas finais do estágio supervisionado obrigatório e, nesse momento, ministrado pelos Professores Denizart Fortuna e Diego Carlos Pereira, da Faculdade de Educação (FEUFF). A propósito, com as duas turmas (G1 e G2) de PPE IV formadas, o começo dos trabalhos foi em 14 de setembro e durou até 19 de dezembro do mesmo ano. Em que pese as dificuldades de acompanhamento e execução de atividades remotas com professores escolares durante a pandemia, nós, professores e licenciandos tivemos as primeiras experiências com aulas remotas. Contou-se também com a monitoria da discente Marcia Thais Machado, graduanda do mesmo Curso.

Tratando-se das entrevistas por uma ação pedagógica denominada “Diálogos com quem gosta de ensinar”³, quando os convidados dedicaram seus tempos

² A Resolução nº 160/2020 determina as diretrizes para o planejamento dos componentes curriculares, atividades de avaliação, criação, oferta, cancelamento de disciplinas, trancamento de matrícula, frequência, integralização, estágios e práticas. Disponível em: <[http://www.uff.br/?q=noticias/19-08-2020/conheca-os-detalhes-sobre-regulamentacao-](http://www.uff.br/?q=noticias/19-08-2020/conheca-os-detalhes-sobre-regulamentacao-do-ensino-remoto-emergencial-na-uff)

do-ensino-remoto-emergencial-na-uff>. Acesso em: 31 mar. 2021.

³ A nomeação da atividade não deixa de ser um plágio” da tocante e perseverante obra de Rubem Alves, *Conversas com quem gosta de ensinar*, de 1980. À semelhança dessa, nós pretendemos não reduzir os licenciandos ao silêncio ou, o contrário:

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MACHADO, Marcia Thais de Oliveira; FORTUNA, Denizart; PEREIRA, Diego Carlos. ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA: entrevista com a Professora-Pesquisadora Larissa Lima de Souza. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 168-178, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 22/12/2021. Aceito em: 02/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

preciosos para compartilharem as suas propostas de pesquisa, achados, experiências e práticas docentes, além de posicionamentos voltados aos mais variados campos das Ciências da Educação, exigimos dos licenciandos leituras prévias dos textos selecionados pelos docentes com os quais conversamos e a elaboração de perguntas a serem realizadas durante a apresentação cuja duração, em média, foi de 1 hora e 40 minutos. Temos adotado como pressuposto metodológico para a formação de professores em Geografia a autoria crítica dos licenciandos e, nesse sentido, incentivá-los à elaboração de perguntas e de diálogos críticos e horizontais com a professora convidada. A tentativa é estabelecer uma perspectiva de, mesmo em âmbito remoto, promovermos a formação dialógica e coletiva de socialização de tessituras que tensionam os silenciamentos e protagonizam narrativas e epistemologias decoloniais.

A seleção e organização das perguntas a serem feitas, além do

acompanhamento dos estudos dos graduandos de acordo com as produções acadêmicas sugeridas pelos entrevistados, foi parte do trabalho da monitora Marcia Thaís de Oliveira Machado. Sua atividade foi fundamental para a exequibilidade das entrevistas para ambas as turmas. No caso da entrevista da Professora Larissa Lima de Souza não foi diferente.

Vale ressaltar que as relações étnico-raciais no ensino de Geografia, enquanto conteúdo curricular, já faziam parte da ementa de PPE IV há mais de 10 anos. Essa decisão coube ao grupo de docentes que já atuaram anteriormente com esses estágios pela Faculdade de Educação na primeira década deste século. Coube aos docentes atuais, aliás, continuarem a mantê-lo porque igualmente o consideram urgente e de grande importância para a profissionalização docente, a exemplo dos currículos escolares. Ademais, o posicionamento dos colegas da FEUFF responsáveis por estes componentes oferecidos ao Curso de Licenciatura em

“[...] como em uma conversa, tecer uma a dois, ou a três... [...]” (ALVES, 1980; p. 3).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MACHADO, Marcia Thaís de Oliveira; FORTUNA, Denizart; PEREIRA, Diego Carlos. ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA: entrevista com a Professora-Pesquisadora Larissa Lima de Souza. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 168-178, maio-agosto de 2022.
Submissão em: 22/12/2021. Aceito em: 02/07/2022.
ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Geografia do Instituto de Geociências é a afirmação de seu ensino condicionado à sólida análise crítica das questões envolvidas sob o olhar geográfico.

Nesse sentido, nós consideramos que para a efetiva conscientização crítica das “práticas” curriculares, o saber-fazer deverá ser acompanhado por denso embasamento teórico propiciando a reflexão da prática de forma incessante. A prática, assim, ganha o significado de práxis. Na perspectiva de uma educação geográfica cidadã, o nosso movimento empreendido e articulado visa a promoção do maior reconhecimento das contribuições da população afro-brasileira nas espacialidades da vida social nacional, bem como das novas (re)escritas epistemológicas nos currículos produzidos. A entrevista com a colega docente nos mostra alguns desses caminhos.

2. “Diálogos com quem gosta de ensinar”: Prof.^a Larissa Lima de Souza⁴

- Considerando um cenário de poucas aulas disponíveis, não seria melhor trabalhar com a perspectiva de uma educação antirracista focada na análise sobre as relações raciais no Brasil do que no ensino de África?

Trabalharmos a lei 10.639/03 a partir da Geografia é uma tarefa com múltiplos caminhos possíveis, como aponta o professor Renato Emerson. Para a nossa conversa de hoje, escolhi propor um diálogo entre um texto desse professor com um de minha autoria sobre o ensino de Geografia da África, por ter sido uma sistematização de experiência pedagógica que considero significativa na minha trajetória e devido à importância do que Renato Emerson denomina “geopolítica das identidades”.

- A professora acredita que numa turma de maioria branca numa escola particular seria possível trabalhar a desconstrução dos estereótipos sobre a

⁴ As perguntas foram selecionadas previamente. Em seguida, o nosso procedimento foi o encaminhamento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos seus autores. Com o retorno dos Termos devidamente assinados por sua aprovação, apresentamos neste artigo os respectivos

nomes: Ana Carolina Marques dos Santos; Beatriz Menezes Marques de Oliveira; Clara Cristina Scheidt Frago; Emilly Fiuza Santana; Graziela Tardin Castellar Soares; Juliana Ramos e Paulo Henrique Santos.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MACHADO, Marcia Thaís de Oliveira; FORTUNA, Denizart; PEREIRA, Diego Carlos. ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA: entrevista com a Professora-Pesquisadora Larissa Lima de Souza. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 168-178, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 22/12/2021. Aceito em: 02/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

África e os africanos da mesma maneira ou similar como foi abordado na escola municipal de Caxias?

Primeiro, é necessário reforçar que esse combate aos estereótipos vinculados ao continente africano e aos africanos e afro-brasileiros é fundamental com nossos estudantes brancos. Esse tipo de atividade pedagógica vai contribuir para diminuir ou retirar a sensação de superioridade que geralmente as pessoas brancas no Brasil possuem. É importante lembrar que algumas escolas privadas adotam e respeitam mais a autonomia docente e outras menos. Mas nada é impossível de ser negociado. E nesse sentido, a própria Lei 10.639/03 pode ser utilizada a nosso favor. Afinal, que coordenação ou direção vai afirmar deliberadamente o desrespeito à LDB?

- A outra consideração é sobre a importância da autoria docente e do compartilhamento das experiências. Larissa, você termina o texto com aquele questionamento sobre como podemos romper com esses estereótipos da África sem exaltar os valores eurocêntricos como “progresso” e “modernização”, e algo que eu tento trabalhar quando vou produzir textos didáticos [escolares] nos

estágios, por exemplo, são as outras possibilidades para além daquilo que já conhecemos como “desenvolvimento”. Mas, ainda assim, é bastante arriscado cairmos nessas falácias de progresso e modernização e o compartilhamento das experiências acaba por servir como uma contínua troca e reflexão do nosso trabalho enquanto docente.

Obrigada pela leitura e pela observação. Hoje, após dois anos da apresentação dessa prática pedagógica, também gostaria de lembrar que para algumas sociedades africanas, como os iorubás, a tecnologia é um domínio do orixá Ogum. Ou seja, a inovação tecnológica não é, em si, uma referência apenas ocidental. Então, para minhas próximas atividades pedagógicas, essa será uma base importante.

- Como desconstruir estereótipos que os alunos têm sobre África sem criar outros estereótipos relativos ao que é moderno e avançado?

Acho importante historicizarmos os conhecimentos e os lugares. Por exemplo, alguns conhecimentos e práticas de origem africana foram fundamentais para a construção do território brasileiro. Os

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MACHADO, Marcia Thaís de Oliveira; FORTUNA, Denizart; PEREIRA, Diego Carlos. ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA: entrevista com a Professora-Pesquisadora Larissa Lima de Souza. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 168-178, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 22/12/2021. Aceito em: 02/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

povos genericamente denominados “bantos” já dominavam técnicas de metalurgia e adaptação agrícola em áreas de floresta e savana antes de serem sequestrados para cá. Já os iorubás dominavam técnicas de mineração que os portugueses não tinham. Ou seja, muitos conhecimentos técnicos existentes no continente africano eram mais avançados que os dos europeus quando estes começaram a colonizar o Brasil e as Américas. Um livro que aborda essa questão é o “Tecnologia Africana na Formação do Brasil”, do Henrique Cunha Júnior.

Outro caminho possível é trabalhar com as epistemologias de alguns povos, como os iorubás, cuja relação sagrada com a natureza é fundamento de seu existir no mundo. Cada elemento da natureza é divinizado e deve ser respeitado.

E um terceiro caminho é evidenciar estratégias contemporâneas de modificação do espaço geográfico africano através da busca pela natureza e seus usos, como é caso da Grande Muralha Verde, idealizada pela ambientalista Wangari

Maathai, primeiro Nobel da Paz de uma mulher africana.

- Qual é a sua opinião sobre a abordagem de rituais, religiosidade, vestuário, moda, beleza, culinária, comportamento e saberes de matriz africana determinantes para evolução da humanidade, para desconstrução da “inferioridade”, serem explorados de forma presencial ou virtual para além de uma data específica ou um evento isolado no calendário escolar?

Considero fundamental que esses conhecimentos estejam na escola ao longo de todo o ano letivo e, obviamente, como um esforço de uma coletividade e não apenas de um docente. Outro aspecto importante ao qual devemos prestar atenção para não reproduzirmos é a folclorização desses saberes e práticas. Esse tipo de conteúdo sempre vai gerar incômodos, mas se não o trouxermos para a escola, contribuiremos para o racismo através do silenciamento.

- O que é mais desafiador: reestruturar o currículo de geografia na universidade ou na escola? Precisaria partir primeiramente de um lado?

Vejo os dois como bastante desafiadores e, como todo processo de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MACHADO, Marcia Thaís de Oliveira; FORTUNA, Denizart; PEREIRA, Diego Carlos. ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA: entrevista com a Professora-Pesquisadora Larissa Lima de Souza. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 168-178, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 22/12/2021. Aceito em: 02/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

reestruturação curricular, são envoltos em relações de poder. Talvez seja uma via de mão dupla; um movimento paralelo de discussões e tensionamentos em relação a quem está à frente da elaboração dos documentos curriculares, muitas vezes distanciados do chão da sala de aula.

- Quais são suas perspectivas futuras como esse projeto desenvolvido sobre o continente africano? Você enxerga a possibilidade do desenvolvimento de um trabalho mais amplo e multidisciplinar, de forma que possa envolver toda a escola?

O projeto para desconstruir uma história única sobre África compartilhado através do meu texto ocorreu em um outro momento e contexto profissionais. Atualmente, estou em outra rede de ensino e trabalhando com turmas majoritariamente brancas. Mas, em 2019, consegui utilizar as mesmas referências de materiais e rodas de conversa com a turma de oitavo ano que possuía. E o resultado foi bastante satisfatório também. Minha perspectiva é continuar em busca de uma prática decolonial que rompa essas representações estereotipadas sobre a

África, os africanos e os afro-brasileiros, devido ao caráter antirracista desse tipo de atividade. Acredito que é possível transformá-lo em projeto interdisciplinar, mas a instituição em que atuo possui uma cultura escolar bastante disciplinar e isso pode ser uma dificuldade para a ampliação desse projeto. No entanto, não é impossível.

- Ao entrar em uma sala de aula do setor público no Rio de Janeiro, principalmente na Baixada Fluminense, os professores se deparam com jovens mais carentes economicamente, periféricos e em sua maioria negros. Durante as aulas de geografia, como as temáticas referentes ao continente africano, no que se refere aos pontos negativos e delicados daquela sociedade (como a pobreza, fome, criminalização), podem ser abordados pelo professor sem que haja um potencial estranhamento dos alunos que venham se identificar com aquele cenário? Minha pergunta se dá pelo fato de que ao abordar as temáticas problemáticas do continente, podemos nos deparar com realidades muito próximas desses alunos, o que faz com que a teoria não fique tão distante da prática em suas vidas e que, alguns desses alunos, podem ter bastante propriedade sobre determinadas situações e temas que nós, mesmo como professores e detentores o saber teórico, jamais teríamos a mesma propriedade ao abordar.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MACHADO, Marcia Thaís de Oliveira; FORTUNA, Denizart; PEREIRA, Diego Carlos. ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA: entrevista com a Professora-Pesquisadora Larissa Lima de Souza. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 168-178, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 22/12/2021. Aceito em: 02/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Acredito que é imprescindível que os estudantes compreendam as razões dessas possíveis proximidades e identificações. Por que espaços tão distantes fisicamente se assemelham em relação às condições materiais e sociais? Nesse sentido, é fundamental que nós docentes elaborem reflexões acerca desses porquês. E isso, certamente, está vinculado à própria premissa do capitalismo ao gerar desigualdades socioespaciais. Além disso, não basta naturalizar essas causas, gerando resignação, mas principalmente levar para a sala de aula exemplos de estratégias de resistência nesses territórios. E aproveitar o conhecimento que os estudantes possuem de seus próprios territórios e comunidades pode ser o diferencial das nossas práticas.

- Larissa, como é o desafio de ensinar sobre o continente africano, as pessoas, e as culturas, sabendo que muitos dos alunos tem uma visão (construída pela sociedade e, principalmente, a mídia) negativa da África?

Essa é uma tarefa sempre instigante e que requer múltiplas estratégias em busca

de reinvenção. A cada ano, início uma conversa sobre o continente africano (no caso dos anos finais do ensino fundamental) buscando desconstruir estereótipos. E a partir da autocrítica em relação a anos anteriores, tento criar novas maneiras de trabalhar afirmativamente a Geografia da África. Uma coisa é fundamental: é sempre necessário partir dessas imagens que xs estudantes carregam sobre o continente africano, sem julgá-lxs pelos eventuais preconceitos, para construir o planejamento das etapas seguintes de aprendizagem.

Referências bibliográficas

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo/Guarulhos: Cortez Editora/Editora Parma, 1980.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006, p. 31-74.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MACHADO, Marcia Thaís de Oliveira; FORTUNA, Denizart; PEREIRA, Diego Carlos. ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA: entrevista com a Professora-Pesquisadora Larissa Lima de Souza. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 168-178, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 22/12/2021. Aceito em: 02/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei N. 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 09 dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei N. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei N. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 10 dez. 2021.

 [Marcia Thaís de Oliveira Machado](#)⁵
Universidade Federal Fluminense (UFF),
Rio de Janeiro, Brasil
e-mail: marciathais@id.uff.br

 [Diego Carlos Pereira](#)⁷
Universidade Federal Fluminense (UFF),
Rio de Janeiro, Brasil
e-mail: diegocarlos@id.uff.br

OLIVEIRA, D. A. Possibilidades de leitura do continente africano a partir do Ensino de Geografia: uma avaliação preliminar dos impactos da Lei 10.639/03. In: BEZERRA, A. C. A.; LOPES, J. J. M.; FORTUNA, D. **Formação de Professores de Geografia: diversidade, práticas e experiências**. Niterói: EDUFF, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 160/2020**. Regulamenta o ensino remoto emergencial, em caráter excepcional e temporário, nos cursos de graduação presencial da Universidade Federal Fluminense e dá outras providências. Niterói, RJ, 2020. Disponível em: <http://uff.br/sites/default/files/paginas-internas-orgaos/bs_-150-20_-resolucao_cepex_160-2020_ensino_remoto.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.

 [Denizart Fortuna](#)⁶
Universidade Federal Fluminense (UFF),
Rio de Janeiro, Brasil
e-mail: denizartfortuna@id.uff.br

⁵ Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Fluminense.

⁶ Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Geografia (UFRJ).

⁷ Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Geografia (UNESP).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MACHADO, Marcia Thaís de Oliveira; FORTUNA, Denizart; PEREIRA, Diego Carlos. ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA: entrevista com a Professora-Pesquisadora Larissa Lima de Souza. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 168-178, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 22/12/2021. Aceito em: 02/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons